

O SILÊNCIO DO CORPO EXPOSTO: CONFERÊNCIA SOBRE A ALIENAÇÃO NA CULTURA

THE SILENCE OF THE EXPOSED BODY: BRIEF ESSAY ABOUT
THE ALIENATION IN THE RACIST CULTURE

EL SILENCIO DEL CUERPO EXPUESTO: BREVE ENSAYO SOBRE
LA ALIENACIÓN EN LA CULTURA RACISTA

Rosane Maria Cardoso¹

Resumo: A conferência, realizada na 20ª Jornada da Sigmund Freud Associação Psicanalítica, apresenta reflexões acerca do corpo negro e dos discursos que historicamente o narram. A autora destaca os processos de objetificação e mercantilização desse corpo, supostamente destinado ao samba e ao terreiro, ao sexo e à virilidade. Examina diferentes perspectivas sobre a construção discursiva do corpo negro: de um lado, a constatação do olhar que incide sobre um grupo; de outro, um discurso produzido a partir da branquitude e de suas formas de classificação. Tais construções podem produzir modos de alienação que oferecem, paradoxalmente, algum amparo a um corpo cuja identidade se encontra fraturada. Sob essa alienação, contudo, permanece a angústia, como expressão latente da experiência de não pertencimento.

Palavras-chave: América colonial. Arte e literatura. Corpo negro. Alienação. Sexualidade.

Abstract: The conference, presented at the 20th Conference of the Sigmund Freud Psychoanalytic Association, offers reflections on the Black body and on the discourses that have historically narrated it. The author highlights the processes of objectification and commodification of this body, supposedly destined for samba and the terreiro, for sex and virility. She examines different perspectives on the discursive construction of the Black body: on the one hand, the recognition of the gaze imposed upon a group; on the other, a discourse produced from the standpoint of whiteness and its classificatory practices. Such constructions may produce forms of alienation that, paradoxically, offer some support to a body whose identity is fractured. Beneath this alienation, however, anguish persists as a latent expression of the experience of non-belonging.

Keywords: Colonial America. Art and literature. Black body. Alienation. Sexuality.

Resumen: La conferencia, presentada en la 20.ª Jornada de la Asociación Psicoanalítica Sigmund Freud, propone reflexiones acerca del cuerpo negro y de los discursos que históricamente lo han narrado. La autora destaca los procesos de objetivación y mercantilización de este cuerpo, supuestamente destinado a la samba y al terreiro, al sexo y a la virilidad. Examina diferentes perspectivas sobre la construcción discursiva del cuerpo negro: por un lado, la constatación de la mirada que recae sobre un grupo; por otro, un discurso producido desde la blanquitud y sus formas de clasificación. Tales construcciones pueden producir modos de alienación que ofrecen, paradójicamente, cierto amparo a un cuerpo cuya identidad se encuentra fracturada. Bajo esta alienación, sin embargo, permanece la angustia, como expresión latente de la experiencia de no pertenencia.

Palabras clave: América colonial. Arte y literatura. Cuerpo negro. Alienación. Sexualidad.

¹ Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Atualmente, é docente e pesquisadora da Universidade de Caxias do Sul (UCS) e da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). ORCID: 0000-0002-8471-307X. E-mail: cardoso.rosanem@gmail.com

A carne mais barata do mercado foi a carne negra
Que vai de graça pro presídio
E para debaixo do plástico
Que vai de graça pro subemprego
E pros hospitais psiquiátricos
A carne

Elza Soares

Em um momento em que falamos tanto em resistência — e temos vários elementos para falar sobre isso —, estas reflexões se voltam para uma das tantas violências perpetradas pelo racismo persistente. A situação que complementa o jugo escravocrata provoca, na minha perspectiva, um impacto psicológico sobre homens e mulheres pretos, sobretudo no que diz respeito a certa alienação a que muitos chamam de falta de consciência racial. Ora, isso me parece uma simplificação.

O corpo preto passa necessariamente por algo que vem antes dele, isto é, a concepção de negrura. Somos uma imago. O branco diz o nosso corpo e olhamo-nos, inicialmente, através desse dizer. Quando conseguimos, afinal, olhar para nós de fato, isso ocorre como uma forma de superação do olhar de quem nos diz. A escritora cubana Teresa Cárdenas revela, no livro *Cartas a mi mamá* (2006), a epifania vivida pela protagonista que, na adolescência, vê-se pela primeira vez:

Encontrei um pedaço de espelho na rua. Agora só o que faço é me olhar nele. Minha testa, meus olhos, meu nariz, minha boca... Sabe? Descobri que meus olhos são iguais aos seus, que não poderiam ser mais bonitos, e meu nariz e minha boca são normais (Cárdenas, 2006, p. 21-22, tradução minha).²

A menina sempre se soube preta. Aliás, era o que a tornava alvo em uma casa de pessoas pardas, pessoas que jamais puderam superar a “fealdade” preta em que foram alocadas pela brancura. Nesse campo da não aceitação, Douglas da Silva (2023) considera a questão psíquica e analisa a importância de considerar o fator “nome negro” que nos marca como um selo:

Na lógica do aparato racial, o “substantivo” (nome) negro designa aquilo que é excedente. A racialização, enquanto instrumento do Mundo Ordenado, associa o nome Negro a uma “espécie fora da/sem vida”, e busca configurar uma chancela sobre o destino de indivíduos marcados por esse Nome (p. 6).

Para Walker Pincerati (2016), “negro não é a cor, mas a metáfora do corpo do ser infernal” (p. 46). De acordo com o professor, o racismo é um fato de linguagem por se constituir como fruto da atividade humana, de ideologias e de modos como as sociedades se organizam. A teoria se comprova porque a noção de raça não é genética. Ela somente funciona como uma conveniência para a sociedade ocidental branca.

Na América colonial, a cor da pele se impôs como fator decisivo de existência. Nesse espectro, o racismo foi urdido como ideologia para hierarquizar a brancura como marcador de superioridade e, por conseguinte, como justificativa para a escravização e seus desdobramentos. Portanto, não é possível a um preto em território americano existir sem o selo

² En la calle me encontré un pedazo de espejo. Ahora no hago otra cosa que mirarme en él. La frente, los ojos, la nariz, la boca... ¿Sabes? He descubierto que mis ojos se parecen con los tuyos que más bonitos no podían ser, y mi nariz y mi boca son normales. No me gusta que digan que los negros son ñatos y tienen bamba. Si Dios existe, seguro está bravo de oír tanta gente criticando su obra.

da violência escravista, independentemente da época de nascimento. Ela não é remota, pois ainda resulta em elaborados enredos estigmatizantes. Em tal enredo, memória e ancestralidade precisam conhecer os limites. Se é impossível falar de uma pessoa negra americana sem reconhecer o papel da escravidão, é necessário buscar no período anterior à diáspora a nossa ancestralidade. Na minha perspectiva, a maior crueldade do jugo foi a tentativa de apagar o que vinha de África.

Aimé Césaire identifica a coisificação de sujeitos subjugados, ao falar de “milhões de pessoas a quem artificialmente inculcaram o medo, o complexo de inferioridade, o estremecimento, o ajoelhamento, o desespero, a subserviência” (Césaire, 2022, p. 172). A racialização, portanto, tem bem mais desdobramentos que a marginalização social. Os corpos vendidos em mercados públicos e anunciados em jornais são afetados mentalmente no processo. O sistema colonialista precisou esmagar “seus objetos” até que o antes se tornasse o nada. E o nada é adentrar um presente eterno em que o aqui e o agora é o que importa porque se chama sobrevivência. É nessa perspectiva que a alienação é um elemento crucial na discussão sobre racismo.

Perrone-Moisés chama a atenção para o fato de que “As obras literárias esclarecem tanto ou mais do que os discursos políticos, como são construídos os conceitos de nação e de identidade nacional” (2007, p. 19). Partindo dessa premissa, lembremo-nos de *O cortiço*, de Aluísio Azevedo (1997). A personagem Bertoleza cai facilmente na cilada preparada pelo astuto João Romão. Com ele, sem que perceba inicialmente, torna-se mão de obra barata e de alívio sexual. Sob o jugo da brancura, a mulher não percebe o engano. Nem poderia, pois Romão não a trata, de maneira evidente, como escravizada — ainda que ela esteja desempenhando esse papel na vida dele — nem a maltrata fisicamente:

João Romão tornou-se o caixa, o procurador e o conselheiro da crioula. No fim de pouco tempo era ele quem tomava conta de tudo que ela produzia e era também quem punha e dispunha dos seus pecúlios, e quem se encarregava de remeter ao senhor os vinte mil-réis mensais. [...]

Quando deram fé estavam amigados. [...] João Romão comprou então, com as economias da amiga, alguns palmos de terreno ao lado esquerdo da venda, e levantou uma casinha de duas portas, dividida ao meio paralelamente à rua, sendo a parte da frente destinada à quitanda e a do fundo para um dormitório que se arranhou com os cacarecos de Bertoleza (Azevedo, 1997, p. 9).

A situação de Bertoleza pode ser referida como uma metáfora da democracia racial brasileira, guardadas as proporções. No cotidiano brasileiro, nem sempre é possível perceber o embuste que esconde o racismo ou a injúria escondida por um sorriso. Para a personagem escravizada, sobrevivente de um sistema baseado no castigo físico e mental, ter um homem que ajuda e, na sua concepção, salva-a, é impossível perceber que está sendo usurpada. Ele oferece casa, alimento, amor.

Contudo, o elemento balizador dessa relação está em ele ser branco, cor de pele que está inculcada na cultura como um fator de superioridade: “ela concordou de braços abertos, feliz em meter-se de novo com um português, porque, como toda a cafuza, Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua” (Azevedo, 1997, p. 3). Ou seja, seus atos são rapidamente acolhidos, ainda que sejam perversos. Um exemplo clássico está em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis (1994), na relação entre senhor, Brás, e escravizado, Prudêncio:

Prudêncio, um moleque de casa, **era o meu cavalo de todos os dias**; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, — algumas vezes gemendo, — **mas obedecia sem dizer palavra**, ou, quando muito, um — “ai, nhonhô!” — ao que eu retorquia: — “Cala a boca, besta!” (Machado de Assis, 1994, p. 15, grifos meus).

No sétimo dia, acabada a missa fúnebre, **travei de uma espingarda, alguns livros, roupa, charutos, um moleque, — o Prudêncio do capítulo XI**, — e fui meter-me numa velha casa de nossa propriedade (Machado de Assis, 1994, p. 36, grifo meu).

Tais eram as reflexões que eu vinha fazendo, por aquele Valongo³ fora, logo depois de ver e ajustar a casa. Interrompeu-as um ajuntamento; **era um preto que vergalhava outro na praça**. O outro não se atrevia a fugir; gemia somente estas únicas palavras: — “Não, perdão, meu senhor; meu senhor, perdão!” Mas o primeiro não fazia caso, e, a cada súplica, respondia com uma vergalhada nova.

— Toma, diabo! dizia ele; toma mais perdão, bêbado!

— Meu senhor! gemia o outro.

— Cala a boca, **besta!** replicava o vergalho.

Parei, olhei... Justos céus! Quem havia de ser o do vergalho? Nada menos que **o meu** moleque Prudêncio, — o que meu pai libertara alguns anos antes. Cheguei-me; ele deteve-se logo e pediu-me a bênção; perguntei-lhe se aquele preto era escravo dele.

— É, sim, nhonhô.

— Fez-te alguma coisa?

— É um vadio e um bêbado muito grande. Ainda hoje deixei ele na quitanda, enquanto eu ia lá embaixo na cidade, e ele deixou a quitanda para ir na venda beber.

— Está bom, **perdoa-lhe, disse eu**.

— Pois não, nhonhô. **Nhonhô manda, não pede**. Entra para casa, bêbado! (Machado de Assis, 1994, p. 76, grifos meus).

Prudêncio ilustra um quadro da alienação cuidadosamente construído por seu senhor. De cavalo de carga passa a ser parte de uma lista de objetos. “Travei de uma espingarda, alguns livros, roupa, charutos, um moleque.” Liberto e alcançando certo status econômico, adquire ele também um escravizado e repete o que aprendeu, inclusive usando as mesmas palavras que o antigo algoz: “besta”. Porém, o que destaca no longo excerto é o fato de seguir servindo ao antigo senhor: “Nhonhô manda, não pede” (Assis, 1994, p. 582).

A cena indica a percepção sempre genial de Machado de Assis ao reparar nas nuances da escravização e seus efeitos. Sua agudeza também estará presente em contos como “Pai contra mãe” e “O conto da vara”, bem como em seu último romance, *Memorial de Aires*. A complexidade da alienação — ou do ajoelhamento — atravessa, como vemos, várias fases. No caso do protagonista de *Memórias póstumas*, percebemos um meticuloso aniquilamento da personalidade de Prudêncio (cavalo, besta, objeto pessoal) para chegar ao homem que supera a escravidão social, mas jamais a psicológica. E, assim, segue obedecendo.

³ Referência ao Cais do Valongo, construído em 1811, na área portuária do Rio de Janeiro. Tornou-se famoso por ser o principal ponto de desembarque e comércio de escravizados africanos nas Américas. Foi desativado em 1831 e hoje é um memorial e local onde ocorrem eventos significativos referente à diáspora africana (Honorato, 2019).

Para além disso, a alienação — como é vista pelos grupos hegemônicos — também é um estereótipo atribuído aos negros. Observando os anúncios da época escravocrata, a postura de negros e negras durante a venda e troca poderia supor que aqueles homens e mulheres fossem um “vazio” diante da própria mercantilização. Freyre (1979), em estudo sobre a história do comércio de escravizados, faz a seguinte análise:

Os negros **se prestavam a tudo. Deixavam-se apertar, apalpar, amolegar ‘por todas as mãos**. As negrinhas de peitos de mulher já em formação, quadris já arredondados, coxas quase de mulher feita, e tudo de fora, apenas um trapo tapando, às vezes, as partes mais íntimas, os ciganos faziam que tomassem posições capazes de despertar o interesse do comprador rico, do fazendeiro ou senhor de engenho já enjoado, aliás, de negra nua (p. 20, grifo meu).

Freyre desvia a análise do fato de que se deixar tocar ou não estava longe de ser uma opção para os escravizados. E, sim, talvez os senhores já estivessem enjoados de tanto tocar as mulheres pretas, já que o estupro era o bônus da mercantilização dos corpos. À violada restava ceder e, quando possível, rebelar-se em silêncio e às escondidas, abortando ou impedindo que nascesse algum filho indesejado⁴.

É o sistema que fazia calar, obedecer, ceder e, por fim, alienar-se. Achille Mbembe (2018) sinaliza que, no processo de subjugação, o corpo-mercadoria se dissolve até se convencer de que pertence a um senhor: “dado que a vida do escravo é uma ‘coisa’, possuída por outra pessoa, sua existência é a figura perfeita de uma sombra personificada” (p. 30). Ainda de acordo com Mbembe (2018, p. 27), o escravizado sucumbe a três perdas: falta-lhe um lar, excluem-se os direitos sobre o próprio corpo e suprime-se o estatuto político, levando a uma dominação absoluta, a uma alienação de nascença e a uma morte social.

A colonização e seu sistema econômico, portanto, fizeram dos africanos e de seus descendentes um grupo de segunda classe, e essa construção social, apesar da resistência, criou raízes que não podem ser subestimadas, e a literatura, mais uma vez, ajuda-nos a entender o processo. Em *Úrsula*, Maria Firmina dos Reis (2018) traz um exemplo na figura do escravizado Túlio, que não consegue reconhecer um gesto de acolhimento. Quando o protagonista Tancredo lhe estende a mão para agradecer-lhe por salvar sua vida, em vez de estender a sua, beija a mão do outro. A alienação se manifesta de maneira inegável, dado que, pela rotina da escravidão, Túlio é incapaz de perceber um gesto de consideração. Ele é um “escravo” e a servidão se tornou a sua condição *sine qua non*. Nenhuma mão branca se estende para ele sem que seja para o castigo ou para a deferência.

Assim, findo o sistema escravagista, o efeito mais eficaz do processo alienante foi o engendramento da já citada democracia racial, que se manifesta na cortesia, no apadrinhamento do filho de um subalterno negro, na convivência pacífica que pressupõe não pedir aumento nem romper com os limites. Um exemplo bem conhecido refere-se à PEC das domésticas, Emenda Constitucional nº 72/2013, complementada em 2015. A lei equipara os trabalhadores domésticos aos demais empregados urbanos e rurais do Brasil. Ora, o que deveria trazer benefícios tornou-se um problema, e muitas domésticas preferiram abrir mão de seus direitos para manter o emprego, já que as bondosas patroas se recusavam a pagar os benefícios.

⁴ O romance *Rosalie l'infâme*, de Évelyne Trouillot, destaca as artimanhas utilizadas pelas escravizadas para evitar ou abortar filhos de seus senhores.

Considerando o grande número de pessoas negras que executam trabalhos domésticos, ressalta-se que a camaradagem esconde, às vezes, o fato de que nenhum lugar foi, realmente, permitido ao negro. Mas isso não ocorre somente no âmbito da casa grande versus quartinho de empregada. O filme *O cortiço* foi lançado em 1978, estrelando Betty Faria como Rita Baiana, Mário Gomes como Jerônimo e Jacyra Silva como Bertoleza. Considerando que, em 1945, houve uma versão cinematográfica do romance com uma atriz negra, Horacina Correa, interpretando Rita Baiana, é de se estranhar que, tantos anos depois, não tenha havido uma atriz parda que pudesse interpretar Rita. Porém, a crítica maior que faço é justamente a usurpação de um espaço de trabalho. Ou seja, não se contrata uma atriz negra para o papel de protagonista. Porém, para o papel da escravizada Bertoleza, mantém-se a escalação de Jacyra Silva, cumprindo, em larga escala, o lugar costumeiramente designado à profissional negra:

O preto? Ora, somente ocupa funções de serviçal [...]. Normalmente é desempregado, subalterno, tornando claro que é coadjuvante na ação e, por consequência, coadjuvante na vida... Se mulher, é cozinheira ou lavadeira, gordona e bunduda (Abramovich, 1989, p. 36).

Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta. Basta a gente ler jornal, ouvir rádio ou ver televisão. Eles não querem nada. Portanto têm mais é que ser favelados (Gonzalez, 2020, p. 78).

Pensem no quanto a gestão da subalternidade tem peso sobre homens e mulheres que vivem quase sempre na emergência de ser um “eu”. Por essa razão, Lelia Gonzalez se abebera na psicanálise para denunciar que nós, negros, estamos na “lata do lixo da sociedade brasileira, pois assim determina a lógica de dominação [...] que tenta (e consegue muitas vezes [...] domesticar” (2020, p. 77). Assim, a mercantilização do corpo negro e a sua alienação não se definem exclusivamente no processo que coloca pessoas como evidente artigo de mercado, seja profissionalmente, seja como objeto para ser visto e tocado, em sutis manobras de colonização.

O corpo negro, sob tal perspectiva, não consegue fugir à estigmatização que o coloca na roda de samba e/ou na de batuque, no sexo e na fertilidade. São classificações que podem estruturar a alienação que conforta um corpo que sente que a luta é vã, como vemos em *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto: “Mamãe [...] Nós não somos nada nessa vida” (1988, p. 124).

Clara é uma jovem parda, iludida por um homem branco que a deflora e abandona. Criada com todo o zelo e esperança pelo pai carteiro e a mãe dona de casa, acaba por concretizar o destino de outras jovens pobres e negras da periferia carioca do início do século XX, em uma crítica aguda feita pelo escritor negro Lima Barreto. É necessário destacar que a moça, nessa frase que é a última do romance, não se refere somente a ela, desgraçada pelo canalha Cassi Jones, filho de uma família branca decadente. Clara dos Anjos diz “nós”. É assim que Lima Barreto enxerga, naquele momento, a saga de um grupo que não ousa denunciar um crime — porque sabe que não adianta —, que acaba se escondendo atrás do nada a que foi relegado.

Nesse sentido, podemos retomar às personagens Rita Baiana e Bertoleza e aos estigmas aferidos a esses corpos. À mulher noturna que espetaculariza o corpo, é fácil comparar a caricatura construída em torno da “mulata” ou da mulher que samba sensualmente. Mas não existe respeito em torno da sua capacidade de se destacar. O meme que circula nas redes sociais deixa claro quão próximas estão a sensualidade e a bestialidade:

Imagem 1: “Não é automóvel mas sempre tem cachorro correndo atrás”



Fonte: Rita Baiana, 2018.

Já o corpo masculino mereceria um capítulo à parte. Se à mulher negra frequentemente é atribuída a função de empregada doméstica e cuidadora — a mulher diurna — ou de sedutora — a mulher noturna —, ao homem atribuem a força que o transforma em vigia, leão de chácara, *negão* forte e assustador. Afinal, o negro que vigia precisa assustar quem se aproxima. No entanto, saindo da sua postura de proteger os bens do patrão, corre sérios riscos se adentrar o mesmo lugar que há pouco protegia, tendo em vista os casos frequentes de homens negros sendo mortos em supermercados e em outros espaços por suposição de assalto ou roubo.

Afastando essa imagem, chegamos ao homem negro performado como viril. Sua sexualidade é um perigo para as incautas, como diz a letra do sucesso musical dos anos de 1990, *Lá vem o negão*:

lá vem o negão
cheio de paixão [...]
querendo ganhar todas as menininhas
nem a **coroa ele perdoa não**
[...]
se ninguém soube lhe amar
pode se preparar chegou a salvação
[...]
é o **mulherio** a gritar
vem, negão, a hora é essa
vamos deitar e rolar
na praia, na rua, no supermercado
na feira é a maior curtição
as garotinhas já vêm requebrando
pra ficar com esse negão
(Zelão, 1994, grifos meus).

A letra de Andrioli, homem branco, traz vários estereótipos atinentes a esse negro fetichizado no imaginário brasileiro. O “negão” de Andrioli é essencialmente falocêntrico.

Na literatura, também João Simões Lopes Neto, conhecido por exaltar a cultura gaúcha, incorre nessa imagem do homem negro. Ao longo de seus contos e lendas do sul, o gaúcho representado é o homem simples do campo ou o herói transgressor. Porém, quando se trata de um homem preto, a situação muda. “O negro Bonifácio” (2004) narra uma história de amor e ódio em que a branca Tudinha mata Bonifácio durante um baile. Entre cochichos, descobre-se o porquê do ato: o negro foi o primeiro a **amanonsiar** a Tudinha (p. 24).

O termo “amanonsiar”, de acordo com o *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul*, significa amansar um cavalo, domesticá-lo, tirar suas manhas. Todas as referências dizem respeito a cavalos, não a mulheres. Mas, como já avisou Andrioli, “Lá vem o negão!”.

São textos que reforçam a ideia de uma masculinidade determinada. Ou determinista. Em outras palavras, no que concerne ao negro, é como se ele fosse o homem exacerbado. A mesma caracterização que fez dele passível de escravização — vigor e virilidade — é transferida para um corpo-pênis. O excesso caricatural do homem negro como potência sexual está presente em fotos, nas redes sociais, na comparação dos órgãos sexuais de homens brancos e negros, com clara inferioridade do primeiro grupo.

Desde o sequestro em África, negras e negros foram referência de desejo e/ou de disponibilidade para o sexo, pois, de acordo com Freyre, “Havia compradores que prestavam muita atenção às proporções dos membros viris dos negros e à amplitude dos quadris das pretas, ligando tais proporções à maior ou menor capacidade de machos e fêmeas para a procriação” (Freyre, 1979, p. 87).

No entanto, em meio ao racismo visceral da nossa sociedade, ter a exacerbação da virilidade parece satisfazer a muitos negros. Com isso, quero pensar, a título de hipótese, que a alienação desse tipo de mercantilização do corpo masculino preto encontra um campo fértil em um mundo ainda fortemente machista. Ser viril agrada ao homem (branco ou preto). É o que, supostamente, se espera dele. É, ainda, o que ele “deve ser”.

Portanto, seguindo no nível da hipótese, a alienação na hipersexualidade masculina negra é a captura última do sujeito que, sem essa imagem de si, é só o vigia ou o alvo da bala. E, já que estamos falando em angústia, neste evento, onde ela se situaria na alienação dos corpos negros? No mergulho ou na saída do limbo?

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1989.
- ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. 30. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Ática, 1988.
- CÁRDENAS, Teresa. *Cartas a mi mamá*. Toronto: Groundwood Group, 2006.
- CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre o colonialismo. In: CÉSAIRE, Aimé. *Textos escolhidos*. Trad. de Sebastião Nascimento. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022, p. 139-175.
- FREYRE, Gilberto. *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. São Paulo: Editora Nacional, 1979.
- GONZALEZ, Lelia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: GONZALEZ, Lelia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, p. 75-93.
- HONORATO, Cláudio de Paula. *Valongo, o mercado de almas da praça carioca*. Curitiba: Appris, 2019.

- MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Biopoder, Estado de exceção, política da morte. Trad. de Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2004.
- O CORTIÇO. Direção: Francisco Ramalho Júnior. Rio de Janeiro: Argos Filmes do Brasil, 1978.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Vira e mexe, nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- PINCERATI, Walker Douglas. Negro é o inferno! Um ensaio sobre as cores dos homens, dos demônios e dos deuses. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 46-71, ago./dez. 2016.
- REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Porto Alegre: Zouk, 2018.
- RITA BAIANA. [Ilustração “Não é automóvel mas sempre tem cachorro correndo atrás”]. Facebook, 6 jul. 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/ritabaianaoc/posts/239512950173521/>. Acesso em: 1 set. 2026.
- SILVA, Douglas Rosa da. *Notas sobre o nome Negro: uma tese-arco a arquear poéticas negras recentes*. 2023. 271 f. Tese (Doutorado) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2023.
- SOARES, Elza. A carne. In: SOARES, Elza. *Do cóccix até o pescoço*. Salvador: Maianga, 2002. 1 álbum sonoro.
- ZELÃO. Lá vem o negão. Intérprete: Cravo e Canela. In: CRAVO E CANELA. Sabor de Paz. [S.l]: Continental East West, 1994. 1 CD.